

CARTOGRAFIA DE UM ENCONTRO: O PESQUISADOR, A FERRAMENTA E O SEU CAMPO.

João Paulo Macedo ¹

Magda Dimenstein ²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Esse trabalho visa discutir a estratégia metodológica utilizada na pesquisa de mestrado “Políticas de subjetivação no campo do bem-estar: a produção do cuidado na atenção primária à saúde e proteção básica da assistência social”³ que vem sendo desenvolvida no PPGPsi/UFRN pelo primeiro autor e orientado pelo segundo. Pretendemos nessa comunicação situar em linhas gerais como temos conduzido a pesquisa, especialmente em termos do manejo das ferramentas que produzimos para esse estudo, bem como do nosso encontro com o campo. A referida pesquisa trata dos encontros que se tem produzido entre a psicologia e o campo das políticas sociais, mas pontualmente como os psicólogos que atuam junto aos serviços de atenção primária à saúde e proteção básica da assistência se afetam e se produzem no exercício de suas práticas, e em que medida tais encontros tem potencializado (ou não) a invenção de estratégias para atuação nesses e entre esses espaços. A temática dessa pesquisa surgiu pelo fato da psicologia vir se inserindo cada vez mais no âmbito institucional com os vários programas e serviços criados na esfera das políticas públicas que intervêm em comunidades, especialmente as políticas da saúde e da assistência social. No

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN. E-Mail: macedo_jp@yahoo.com.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN. E-Mail: magdad@uol.com.br

³ Ressaltamos que esse título da dissertação trata ainda de um título provisório.

caso da saúde tem-se hoje o campo da saúde pública como uma realidade para atuação da psicologia, pois conta atualmente com 14.407 profissionais vinculados ao Sistema Único de Saúde – SUS, sendo que a maioria destes está lotada em Centros de Saúde/Unidades Básicas de Saúde – UBS (29,92%) e Centros de Atenção Psicossocial – CAPS (15,71%)⁴. No caso da assistência há um campo bem mais recente de atuação de psicólogos, tendo em vista a abertura dos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS só a partir de 2004. Atualmente temos 3.248 unidades⁵ em todo o Brasil cobrindo cerca de 2.625 municípios, mas, vale ressaltar, que o número de CRAS pelo país deve crescer ainda mais, pois a meta do atual governo, conforme declaração do Ministério do Desenvolvimento Social, no início do ano de 2007, é de ampliar a cobertura da proteção básica até 2010 para todos os municípios brasileiros, contemplando-os assim com pelo menos uma unidade do centro (Informação Verbal)⁶. A experiência de ter atuado como técnico de um CRAS na cidade de Teresina-PI também contribuiu significativamente para a proposta dessa pesquisa, pois me possibilitou o encontro com o campo das políticas, especialmente a saúde pública e o trabalho com a comunidade, além de experiências com outras modalidades de atendimentos, fundamentalmente trabalhos com grupos e visitas domiciliares. A maioria dessas atividades tratava de uma novidade para quem trabalhava naquele serviço, pois além de experimentar outras formas de atuar, bem diferente daquelas aprendidas na formação, tínhamos que lidar com uma demanda que advinha muito mais de questões atravessadas pelas condições de vida daquela comunidade tais como: situações de violência, falta de emprego, condição de pobreza e/ou fome, moradias em lugares impróprios ou que não oferecessem um mínimo de proteção. Essas questões, em sua maioria, acabavam gerando problemas de saúde, dificuldades na escola, problemas familiares e de organização e gestão da própria

⁴ Ver SPINK; BERNARDES; SANTOS; GAMBÁ (2007).

⁵ Dependendo do porte do município a equipe técnica do CRAS comporta de 01 à 02 profissionais de psicologia em cada serviço (Brasil. PNAS, 2004).

⁶ Declaração da Secretária Nacional da Assistência Social, Sra. Ana Lígia Gomes em entrevista ao “Jornal do Federal” do Conselho Federal de Psicologia. Ano XX nº.86 – maio/07, p.17.

comunidade. Vale ressaltar que o trabalho na comunidade possibilitou ainda o encontro com a alteridade e outros modos de vida que não eram aqueles com os quais aprendi a conviver, seja em termos pessoais ou profissionais. De alguma forma o contato com tais questões aguçou minha curiosidade e produziu uma vontade irresistível de pensar sobre os meus limites frente aquele campo, de como aquele lugar me convocava todo o momento à necessidade de experimentar formas novas de atuar e de me relacionar seja comigo mesmo, com os referenciais que tinha à disposição, seja com o serviço e a própria comunidade. Assim, constituí caminhos que para mim eram desconhecidos, em termos de como lidar com aquelas questões e de manejar os efeitos que provocavam em mim. Nesse sentido tenho me interessado sobremaneira pelas práticas que têm nos orientado a atuar no campo da saúde pública e da assistência social, como também pelos modos de vida que essas práticas e o encontro com esses campos produzem nos profissionais. Ou seja, como esses profissionais se relacionam com os contextos que estão inseridos? Como se experimentam a partir das relações que aí se constroem? Que afetos daí emanam? Que outras relações têm sido possível construir nesses lugares? O que esses campos têm pedido e exigido de nós psicólogos nesses serviços? Quais os pontos críticos que temos que lidar para atuar nesses espaços? Enfim, que interferências têm levado a não ser mais o que somos, de sermos um outro de nós, de pensar e atuar diferente nesse campo? Na intenção de explorar essas questões montamos uma estratégia metodológica para cartografar como os psicólogos atuam e se produzem no cotidiano de suas práticas nos serviços de atenção primária à saúde (UBS) e proteção básica da assistência (CRAS) em Natal. A estratégia foi planejada em dois momentos: um primeiro de observação do cotidiano dos serviços e contato com os psicólogos que aí atuam através do registro dos seus testemunhos e narrativa frente suas experiências e vivências nesses serviços. A ferramenta que produzimos para esse momento foi um roteiro de entrevista voltado para a memória afetiva e a história da vida profissional desses técnicos, revisitando aí algumas marcas de seus encontros com esses

campos. Num momento posterior planejamos a apresentação e discussão das questões produzidas na fase anterior, através de um grupo focal. O objetivo desse segundo momento foi reunir os técnicos dos serviços e compartilhar suas várias experiências para daí ampliarmos a discussão de como tem sido esses encontros e de como temos aí atuado. Por fim, problematizarmos no grupo que semelhanças e diferenças existem entre esses campos e que aproximações e articulações são aí possíveis. Um outro recurso que nos acompanha nessa caminhada é um diário para cartografar as intensidades do nosso encontro com esses técnicos e suas realidades durante toda a pesquisa. Porém, esse trabalho objetiva discutir parte dessa primeira etapa que foi realizada na cidade de Teresina, quando da realização da pesquisa piloto. O percurso que traçamos nesse piloto foi realizar somente a parte inicial da nossa estratégia metodológica no sentido de ensaiarmos o manejo da entrevista e do diário de campo, além de experimentar o trabalho da produção dos dados para o momento posterior da pesquisa – atividade com o grupo focal, tendo em vista considerarmos que esse primeiro momento requer de uma maior sensibilidade e habilidade no manuseio das ferramentas e trato do material coletado. Nesse contexto contatamos os dois CRAS de maior articulação com UBS da cidade de Teresina e entrevistamos uma profissional de cada centro, na qual pudemos identificar e recortar dentre as práticas que são desenvolvidas as dificuldades e problemas enfrentados, bem como os ajustes e inovações que têm que implementar. Além disso, identificamos o que em suas narrativas remete a ordem das potencialidades (virtual/atual) e a ordem das possibilidades (real/possível) de como atuam, de como se relacionam consigo e com os outros a partir dos encontros que estabelecem no serviço (pessoal, profissional, serviço, usuário, comunidade e a política). Nosso interesse é discutir a relação entre o pesquisador, suas ferramentas e seu campo, a partir de uma experiência particular, no sentido de explicitar os modos como esse instrumento foi sendo produzido, bem como cartografar as afetações do nosso encontro com os técnicos e o campo da pesquisa de uma forma geral.

Eixo do XIV Encontro: Saúde.

1. Sobre o estudo e suas estratégias

Pretendemos nessa comunicação situar em linhas gerais como temos conduzido a pesquisa, especialmente em termos do manejo das ferramentas que produzimos para esse estudo, bem como do nosso encontro com o campo.

A referida pesquisa trata dos encontros que se tem produzido entre a psicologia e o campo das políticas sociais, mas pontualmente como os psicólogos que atuam junto aos serviços de atenção primária à saúde e proteção básica da assistência se afetam e se produzem no exercício de suas práticas, e em que medida tais encontros tem potencializado (ou não) a invenção de estratégias para atuação nesses e entre esses espaços. As questões que norteiam o estudo referem sobre as práticas que têm nos orientado a atuar no campo da saúde pública e da assistência social, e dos modos de vida que essas práticas e o encontro com esses campos produzem nesses profissionais. Ou seja, como esses profissionais se relacionam com os contextos que estão inseridos? Como se experimentam a partir das relações que aí se constroem? Que afetos daí emanam? Que outras relações têm sido possível construir nesses lugares? O que esses campos têm pedido e exigido de nós psicólogos nesses serviços? Quais os pontos críticos que temos que lidar para atuar nesses espaços? Enfim, que interferências têm levado a não ser mais o que somos, de sermos um outro de nós, de pensar e atuar diferente nesse campo?

Na intenção de explorar essas questões montamos uma estratégia metodológica para cartografar como os psicólogos atuam e se produzem no cotidiano de suas práticas nos serviços de atenção primária à saúde (UBS) e proteção básica da assistência (CRAS) do município de Natal-RN. A estratégia foi planejada em dois momentos: um primeiro de observação do cotidiano dos serviços e contato com os psicólogos que aí atuam através do registro dos seus testemunhos e narrativa frente suas experiências e vivências nesses serviços. A ferramenta que produzimos para esse momento foi um roteiro de entrevista voltado para a memória afetiva e história da vida profissional desses técnicos, revisitando aí algumas marcas de seus encontros com esses campos. Num momento posterior planejamos a apresentação e discussão das questões anteriormente produzidas, através de um grupo

focal, no objetivo de reunir os técnicos de ambos os serviços e compartilhar suas experiências para daí ampliarmos a discussão de como tem sido esses encontros e de como temos atuado nesses (ou entre) esses espaços. Um outro recurso que planejamos fazer uso ao longo de toda essa caminhada trata de um diário para cartografar as intensidades do nosso encontro com esses técnicos e suas realidades durante toda a pesquisa.

Porém, esse trabalho objetiva discutir parte dessa primeira etapa que foi realizada na cidade de Teresina-PI, quando da realização da pesquisa-piloto. A intenção desse piloto foi realizar somente a parte inicial da nossa estratégia metodológica no sentido de ensaiarmos o manejo da entrevista e do diário de campo, além de experimentar o trabalho da produção dos dados para o momento posterior da pesquisa – atividade com o grupo focal; tendo em vista considerarmos que esse primeiro momento requer uma maior sensibilidade e habilidade no manuseio das ferramentas e trato do material coletado.

2. Aventurando caminhos, experimentando possibilidades

Nosso interesse nesse estudo-piloto é discutir a relação entre o pesquisador, suas ferramentas e seu campo de investigação, visando explicitar os modos como produzimos nosso instrumento, revemos estratégias e manejamos afetações advindas do encontro com os técnicos e o campo da pesquisa de uma forma geral. Para tanto, contatamos os 02 CRAS⁷ de maior articulação com UBS da cidade de Teresina-PI e perguntamos às psicólogas de cada centro da possibilidade de falarem sobre suas experiências. Após esse contato inicial com o campo e os técnicos destacamos 01 profissional de cada CRAS para trabalharmos no piloto. Vale ressaltar que as UBS que mantinham articulação com esses CRAS não contavam com profissionais de psicologia, daí termos nos centrado apenas nas profissionais dos centros de referência.

Dentre as ferramentas eleitas para o piloto esboçamos alguns pontos-chaves num roteiro de entrevista e nos munimos de um diário de campo no objetivo de nos aproximar do cotidiano dessas profissionais. Nossa intenção com essas ferramentas era de acompanhar as formas que essas técnicas habitavam seus territórios existenciais quando encontravam o

⁷ Os serviços ficam localizados no bairro Vila Irmã Dulce e Porto Alegre, ambos localizados na zona sul da cidade e mantêm uma íntima relação com as equipes saúde da família e agentes comunitários com trabalhos preventivos, educação em saúde e acompanhamentos sócio-comunitários.

serviço e o próprio território desse pesquisador ao encontrar esses lugares, o serviço e as profissionais. O interesse aqui não era conhecer somente as práticas e os modos como essas profissionais atuavam, mas suas formas de lidar com a transformação de seus mundos subjetivos ou mesmo formação de outros no momento mesmo da (re)visitação de suas paisagens afetivas e modos de subjetivação que se processavam a partir do cotidiano de suas práticas (Rolnik, 2006). Para isso precisávamos proceder no uso dessas ferramentas não da forma que comumente são usadas⁸. Ao contrário disso, subvertemos seu uso comum de modo a colocá-las em novas configurações, dobrando-as⁹ num uso singular e flexibilizando-as em planos que pudessem provocar e acessar outros conteúdos, ou mesmo outras dimensões do que nos acontece e do que vivemos nesses espaços.

Essa ousadia metodológica só foi possível pelo fato da cartografia possibilitar por uma maneira quase forçosa seguir no campo da produção de conhecimento inventando percursos, estratégias ou mesmo ferramentas de pesquisa, ou seja, não há definição *a priori* de um método de trabalho, seja em termos de localizar um referente teórico ou mesmo definir procedimentos técnicos na forma de como devemos proceder no campo da pesquisa (Rolnik, 2006). Nesse aspecto a cartografia marca no pesquisador seu traço estético, pois o lança a aventurar-se no exercício do pensamento de modo a arriscar-se no limite de seu movimento. Fato que nos faz habitar fronteiras e espaços de experimentação do mundo e de nós mesmo, no objetivo de perseguir o desconhecido e experimentá-lo (Rolnik, 1993). Situação não muito diferente da forma com que os piratas navegaram sobre os mares e oceanos dos séculos XVII e XVIII (Passetti, 2006), na qual surpreendiam as já conhecidas rotas e seus mais experientes comandantes inventando percursos e itinerários no objetivo de traficar ou saquear produtos e gozar a alegria do comando livre de suas naves. Durante seu mando nos mares os piratas criaram não somente histórias e lendas a seu respeito, mas afirmaram sua existência resistindo às formas de controle e o domínio comercial e marítimo da época. Ação que significava, dentre outras coisas, por ordem as suas vidas e sua forma de navegar. Suas armas e luta estava na forma como orientavam sua nave meio o fluxo e

⁸ Em relação a entrevista com a reunião prévia de um roteiro de perguntas na qual se define previamente o que é importante investigar ou saber, e em relação ao diário com o registro das experiências pessoais na visitação do campo.

⁹ A dobra é um conceito de G. Deleuze que diz sobre a curvatura ou inflexão das forças (acontecimentos, bifurcações) que nos constitui (relações de poder, saber e de verdade) e que expressa possibilidades na forma com nos relacionamos com o mundo e nós mesmos a partir dos encontros que estabelecemos (Lévy, 2003; Neves, 2005).

movimento das águas e dos ventos. Astúcia e sensibilidade de quem entendia que o mar nunca era o mesmo a cada passagem, que as rotas nunca estavam dadas, e que era necessário sempre inventá-las a cada viagem. Nesse sentido seus itinerários eram sempre espaços de experimentações, arte de seguir planejando e experimentando caminhos possíveis, através do entendimento das provisórias e agitadas composições entre o mar e suas correntes; os ventos e os recursos de suas embarcações, e a surpresa de eventos e elementos que ora apareciam a seu favor, ora contra. Assim como os piratas que estavam sempre atentos as afetações dos encontros nos territórios marítimos, no sentido de permitir-se experienciar novas possibilidades de si em suas aventuras, ao mesmo tempo em que lutavam contra as inúmeras formas de dominação e tentativas de controle de suas atividades, a cartografia também nos convoca uma implicação ética e política na forma de produzir conhecimento, pois o cuidado com o fazer da pesquisa, ou seja, os passos, escolhas e percursos em que acontece o estudo têm íntima relação tanto com as afetações que vão se processando nesse fazer e com a forma com que escutamos a diferença em nós nesses encontros, como com as lutas que precisamos empreender contra as forças que tentam, a todo o momento, nos desviar da possibilidade de experimentarmos nós mesmos de maneira diferente nesse processo (Rolnik, 1993).

Retomando a forma como encaramos o trabalho de produzir nosso caminho nessa pesquisa-piloto, montamos um breve roteiro de entrevista, inspirado na estratégia de Rolnik (2006), onde aponta a entrevista como um “roteiro de preocupações (...) [e que] cada cartógrafo vai definindo para si, constantemente” (p.67). Nesse roteiro reunimos cerca de duas a três preocupações que poderíamos abordar nos encontros que teríamos com as técnicas. Nossa intenção com esse roteiro era variar a conversa com as profissionais desde tópicos mais estruturais que versavam sobre o serviço, seu cotidiano e práticas desenvolvidas, como o relato de possíveis experiências ou situações que marcaram de uma forma singular sua atuação no serviço. Em termos operacionais para facilitar o manejo dessa ferramenta preferimos proceder à entrevista de uma forma diferenciada¹⁰, objetivando em sua parte inicial identificar e recortar as práticas desenvolvidas pelos

¹⁰ Como trata de um estudo-piloto, experimentamos proceder à entrevista de duas formas: com o primeiro técnico dividimos a entrevista em dois momentos, até mesmo para sentirmos o manejo dessa ferramenta e a situação da entrevista em si; e com o segundo, com um pouco mais de experiência, procedemos na entrevista num momento só.

técnicos e dificuldades ou problemas que enfrentaram, seja no campo pessoal, profissional, do serviço e da política, como também atentar para os indicativos que cada sujeito de pesquisa (e o próprio pesquisador) se permitiu experimentar ao relatar algumas experiências, ou seja, o grau de abertura que cada um si permitiu em termos de visitação de afetos, memórias, pensamentos, imagens ou sensações no relato de suas práticas. Nossa preocupação aqui era não só perceber algumas pistas sobre a presença possíveis barreiras que pudessem aparecer caso tentássemos acessar alguns afetos e marcas, como também identificar estratégias de enfrentamento ou mesmo ultrapassagem de alguns desses limites. Rolnik (2006) aponta da importância de sondar isso, pois indicam do limiar que suportamos quando nossas linhas de desejo¹¹ se movimentam de forma a organizar ou desorganizar nossos territórios existenciais. Em relação à parte final da entrevista exploramos propriamente situações ou experiências que marcaram os técnicos ao longo de sua atuação, de forma que pudessem narrar essas experiências no intuito de selecionar algumas passagens de suas narrativas que acenassem como (des)potencializadoras de intensidades, como situações de fracasso/êxito vivenciadas, ou mesmo situações mobilizadoras/demobilizadoras de ação ou possibilidade de intervenção. Nossa intenção aqui foi explorar situações que trouxeram alta carga afetiva para o técnico, no sentido de levantarmos em seu cotidiano, “*situações sensório-motoras*” (Deleuze, 2005) – eventos disparadores de reações (formas de pensar, sentir e agir) quando da ocorrência do fato, como também levantar “*situações ótico-sonoras puras*” (Deleuze, 2005), situações-acontecimento ou eventos que paralisavam o técnico levando-o a não saber o que fazer naquele momento (quebra de qualquer possibilidade de ação, mas de íntimo impacto subjetivo). O objetivo nesse momento da entrevista era de identificar no relato das experiências, bem como na re-vivência dessas situações: a) que momentos tais situações surgiram; b) o grau de afetação ou variação da potência¹²; c) se algo que escutou ou viu foi difícil de suportar; d) como respondeu a tais reações (em termos pessoais e profissionais); e) que momentos foram mobilizadoras/paralizadores na possibilidade de fazer algo

¹¹ Linhas de segmentação dura ou molar (operam por recortes dicotomizados e movimentos de horizontalidade e verticalidade, reproduzindo relações de hierarquia), linhas de segmentação maleável ou molecular (operam pequenas transformações e que facilmente são reorganizadas), e linha de fuga (desvios que operam a partir da produção e criação – lei do desejo). (DELEUZE; GUATTARI, 2004). O movimento e interpenetração dessas linhas e as relações de força que nos constitui formam juntos, nossos mundos e territórios existenciais. (Rolnik, 2006).

¹² Limiares de intensidade ou efeitos sobre estados do corpo (affectos) e efeitos de duração (Deleuze, 1997).

(pensar/agir); f) que significava intervir em cada situação. Ao mesmo tempo que íamos identificando esse pontos, estes serviam pistas para cartografar os territórios existenciais dos técnicos, seja enquanto personagem (quando vivenciou a situação); ou no próprio ato de narrar (momento de re-visitação da situação), ocasião em que o técnico pôde virtualizar as questões trazidas durante toda a entrevista em termos de abrir novos olhares (ou afetabilidades) frente o ocorrido, sua forma de atuar e o serviço; experiência, sem dúvida, disparadora de novos problemas para esse campo, na qual coloca a narrativa e o próprio ato de narra como um acontecimento (Blanchot, 2004).

Para o fechamento do nosso piloto categorizamos as informações em termos: 1) “do que se tem feito” nesses espaços no tocante as “dificuldades/problemas” aí colocados; 2) o que tem sido uma constante em termos do que não se conseguiu avançar; 3) possíveis “ajustes/ inovações” implementados no cotidiano do serviço. O objetivo dessa parte final de manejo dos dados foi de justapor o material categorizado com o referencial teórico-metodológico na perspectiva de uma maior consistência às categoriais levantadas, bem como produzir linhas de análise em termos de como estes técnicos atuam, e de como se relacionam consigo e com os outros a partir dos encontros que estabelecem no serviço, para daí remeter, o quê está para o campo das potencialidades (virtual/ atual), o quê está para o campo das possibilidades (real/ possível)¹³. Feito isso, a idéia é apresentar essas respostas categorizadas para serem discutidas num grupo focal a partir do Quadrível Ontológico proposto por Lévy (1996), na qual relaciona no campo material tanto o “*pólo do real*” – aquilo que resiste ou persiste em continuar ocorrendo no cotidiano do serviço, o instituído, como o “*pólo do possível*” – conjunto de possibilidades que atuam como reserva ou como recurso, o instituinte; no objetivo de potencializar o que aí se tem feito e ampliar o campo de possibilidades do que estar por vir. Mas essa é uma outra história que contaremos depois.

Sobre o diário de campo, ferramenta de fundamental importância em todo o processo, pois nele não só registramos as experiências e afetações que sentimos ao longo dos encontros durante a pesquisa-piloto, falo dos medos, receios, momentos de vibração e

¹³ O campo das possibilidades refere ao que está patente, presente, seja subsistindo algo ou coisa (real) ou insistindo que algo de novo aconteça (possível). Já o campo das potencialidades refere ao que está latente, da ordem do não manifesto e que anunciam antes um futuro do que oferecem uma presença ou solução (Lévy, 1996).

sensibilidade frente os testemunhos e as formas que os técnicos narraram suas histórias e sentimentos vivenciados, mas também pudemos subsidiar nosso campo de análise e cartografar as transformações do próprio território existencial do pesquisador ao longo do estudo, seja no registro das marcas que foram acessadas em mim a partir do meu encontro com essas profissionais, como dos relatos de suas experiências. Fato que me possibilitou reviver algumas situações de quando atuei nesse campo, e ainda ser tocado por outras.

3. Aonde chegamos...

A experiência desse piloto nos valeu vivenciar possibilidades de manejar o uso das ferramentas e a situação da entrevista, no tocante o modo de proceder uma pergunta ou abordar as questões que estávamos nos propondo investigar, como também dos desvios que tivemos que proceder ao alterar em vários momentos a rota de nossa estratégia metodológica, seja pela dificuldade de avançar alguns pontos, ou pelas afetações que eram produzidas no momento da entrevista. Um exemplo foi a possibilidade de repensarmos a forma como estruturamos a entrevista, pois ao tentar reconstruir a história das experiências do técnico no serviço, a partir do relato sobre o modo como atuavam e depois no detalhamento de algumas experiências e situações significativas que vivenciaram, percebemos a sobreposição e repetição de alguns conteúdos. De modo que acabamos revendo a ferramenta na intenção de deixá-la mais fluída, no sentido de dimensioná-la para que o técnico pudesse narrar suas histórias no serviço, não como um terceiro que fala sobre suas experiências, mas como alguém que as viveu e testemunhou eventos significativos para si. Considerando isso visitamos ou outro CRAS e realizamos nova entrevista com uma terceira técnica e com a ferramenta revisada acessamos de forma mais direta nossas questões a partir da narrativa da “história da sua experiência profissional”, e ao contar sobre suas memórias profissionais, a técnica parecia convulsionar seu próprio relato, ora falando sobre o que fazia no serviço, ora desdobrando passagens que a fazia transitar por entre seus territórios e paisagens existenciais, marcando na sua fala a presença constante de afetos, pensamentos, imagens, memórias e sensações. Nesse sentido o técnico não só relata uma história, mas também construía sua própria história no momento mesmo em que a narrava, podendo assim alterar sua rota, visitar certos mundo e configurar outros, e ainda lutar

contra as forças que tentam desviá-lo de se experimentar de maneira diferente nessa aventura.

De modo geral, esse piloto nos possibilitou a percebermos-nos ao longo dessa pesquisa, não só na condição de meros espectadores de tais histórias, pois a todo o momento éramos convidados a participar desses relatos e vivenciar suas aventuras através dos fluxos de intensidade que nos atravessava e configurava encontros de potência disparadora de atitudes ética, estética e política, seja na forma de pensarmos modos de atuação nesse espaço, ou na maneira de narrar nossas histórias, e inventar outras, mas fundamentalmente, de nos narrar em nossas próprias vidas.

4. Referências bibliográficas

BLANCHOT, M. (2004). O livro por vir. SP: Martins Fontes.

BRASIL. Política Nacional da Assistência Social, Resolução n.º145 do CNAS, de 15 de outubro de 2004 (DOU 28/10/2004). Disponível em: <http://www.sdsc.pe.gov.br/download/suas/pnas_final.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2007.

DELEUZE, G. (1997). Spinoza e as três “Éticas”. In: DELEUZE, G. Crítica e clínica. São Paulo: Ed. 34. p.156-70.

DELEUZE, G. (2005). A imagem-tempo. Cinema 2. SP: Brasiliense.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. (2004). Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. RJ: Ed. 34.

LÉVY, P. (1996). O que é o virtual? SP: Editora 34.

LÉVY, P. (2003). Plissê fractal ou como as máquinas de guattari podem nos ajudar a pensar o transcendental hoje. Disponível em: <<http://caosmose.net/pierrelevy/plissefractal.html>>. Acesso em: 01 ago. 2007.

PASSETTI, E. (2006). Heterotopia, anarquismo e pirataria. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. (Orgs) Figuras de Foucault. Belo Horizonte: Autentica. p. 109-118.

ROLNIK, S. (1993). Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2: 241-251.

ROLNIK, S. (2006). Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Ed. UFRGS.

SILVA, R. N. (2005). A invenção da Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes.

SPINK, M.J; BERNARDES, J.S; SANTOS, L; GAMBÁ, E.A.C. (2007). A inserção de psicólogos em serviços de saúde vinculados ao SUS: subsídios para entender os dilemas da prática e os desafios da formação profissional. In: SPINK, M.J.P. (Org). A psicologia em diálogo com o SUS: prática profissional e produção acadêmica. SP: Casa do Psicólogo. p. 53-79.

Créditos

João Paulo Macedo

Psicólogo (Faculdade Santo Agostinho, 2004); Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Bolsista do CNPq. Área de atuação: Psicologia e Políticas Públicas, com ênfase no campo da Saúde Pública e Assistência Social e na temática de produção de subjetividade na contemporaneidade.

e-mail: macedo_jp@yahoo.com.br

Magda Dimenstein

Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica na PUC/RJ. Doutora em Ciências da Saúde (com ênfase em Saúde Mental) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/PPGpsi da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Área de atuação: Saúde Mental nos temas: inserção de psicólogo no SUS; reforma psiquiátrica e sobre a produção de subjetividade na contemporaneidade.

e-mail: mgdad@uol.com.br